

Perguntas e respostas sobre a operacionalização do Programa de Multiplicadores

Kappel, Paulo Sérgio.

/ 1984

Cód. Acervo: 52543

© Emater/RS-Ascar



Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.12287/52543>

Documento gerado em: 07/11/2018 17:26

O Repositório Institucional (RI) da Extensão Rural Gaúcha é uma realização da Biblioteca Bento Pires Dias, da Emater/RS-Ascar, em parceria com o Centro de Documentação e Acervo Digital da Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEDAP/UFRGS) que teve início em 2017 e objetiva a preservação digital, aplicando metodologias específicas, das coleções de documentos publicados pela Emater/RS- Ascar.

Os documentos remontam ao início dos trabalhos de extensão rural no Rio Grande do Sul, a partir da década de 1950. Portanto, salienta-se que estes podem apresentar informações e/ou técnicas desatualizadas ou obsoletas.

1. Os documentos disponibilizados neste RI são provenientes da coleção documental da Biblioteca Eng. Agr. Bento Pires Dias, custodiadora dos acervos institucionais da Emater/RS-Ascar. Sua utilização se enquadra nos termos da Lei de Direito Autoral, nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
2. É vetada a reprodução ou reutilização dos documentos disponibilizados neste RI, protegidos por direitos autorais, salvo para uso particular desde que mencionada a fonte, ou com autorização prévia da Emater/RS-Ascar, nos termos da Lei de Direito Autoral, nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
3. O usuário deste RI se compromete a respeitar as presentes condições de uso, bem como a legislação em vigor, especialmente em matéria de direitos autorais. O descumprimento dessas disposições implica na aplicação das sanções e penas cabíveis previstas na Lei de Direito Autoral, nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e no Código Penal Brasileiro.

Para outras informações entre em contato com a Biblioteca da Emater/RS-Ascar - E-mail: biblioteca@emater.tche.br

Perguntas e respostas sobre a

OPERACIONALIZAÇÃO DO PROGRAMA DE MULTIPLICADORES



Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Agricultura

EMATER-RS

associada à EMBRATER



Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Agricultura

EMATER-RS

associada à EMBRATER

Perguntas e respostas sobre a

**OPERACIONALIZAÇÃO
DO PROGRAMA
DE MULTIPLICADORES**

PORTO ALEGRE
1984

A849p ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE EMPREENDIMENTOS DE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL
Perguntas e respostas sobre a operacionalização do programa de multiplicadores, por Paulo Sérgio Kappel. Porto Alegre, 1984.
16p.

CDU 63.001.8-051

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A OPERACIONALIZAÇÃO DO PROGRAMA DE MULTIPLICADORES	;
1. Quem é o multiplicador e qual a sua função?	7
2. Qual a diferença entre o líder e o multiplicador?	7
3. Quando deve ser escolhido o multiplicador?	8
RESUMO	9
4. Que é grupo natural?	9
5. O que o multiplicador deve fazer?	9
6. O multiplicador deve aplicar a prática antes de transmiti-la?	10
7. O multiplicador deve ser específico ou polivalente?	10
8. O trabalho do multiplicador deve ser espontâneo ou induzi-do?	11
9. Como trabalhar com o multiplicador?	11
10. O multiplicador deve ser assistido por mais de um técnico? .	12
11. Como deve atuar o técnico nas áreas em que atuam os multipli-cadores?	12
12. Qual o número de multiplicadores por técnico e de produtores por multiplicador?	13
13. O que fazer quando o multiplicador não corresponde à expecta-tiva?	13
14. Como motivar o multiplicador?	14
15. Onde trabalhar com multiplicadores?	14
16. Deve-se trabalhar com áreas pobres ou áreas ricas, com gran-des ou pequenas propriedades?	14
17. Quando nas comunidades existem diferenças éticas, religiosas ou de partido político?	15
18. Como treinar técnicos?	15
19. Como treinar multiplicadores?	16

APRESENTAÇÃO

Este trabalho reúne a experiência de todos os extensionistas da Região de Santa Rosa-RS sobre o Programa de Multiplicadores e foi elaborado em reuniões realizadas no fim do ano de 1983.

Estamos certos de que este documento não é a última palavra sobre o assunto, à medida em que todos forem adquirindo mais experiência e vivência, novas idéias surgirão.

Nos próximos encontros feitos para debater o assunto, procuraremos enriquecer este documento.

Engº Agrº PAULO SÉRGIO KAPPEL
Gerente Regional

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A OPERACIONALIZAÇÃO DO PROGRAMA DE MULTIPLICADORES

Este trabalho representa o coroamento do esforço conjunto de todas as equipes municipais da Região de Santa Rosa no Rio Grande do Sul que, através de sete reuniões, com a participação de 180 técnicos, debateram o tema - MULTIPLICADORES RURAIS - no final do ano de 1983.

Com o objetivo de facilitar o entendimento, o assunto será apresentado sob a forma de perguntas e respostas, baseadas nas conclusões dos grupos de trabalho, resumos das anotações feitas pelos assistentes Regionais de supervisão, e de apontamentos feitos durante os debates.

1. QUEM É O MULTIPLICADOR E QUAL A SUA FUNÇÃO?

Multiplicador é um produtor ou dona-de-casa, adulto ou jovem, com poder de liderança dentro de seu grupo natural, devidamente treinado para atuar como elemento de irradiação de conhecimentos tecnológicos ou de desenvolvimento comunitário. O multiplicador deve ser escolhido pelo grupo, possuir uma propriedade que represente a média da região, deve ter espírito comunitário. De acordo com a programação de seu grupo, deverá implantar uma unidade demonstrativa ou desenvolver tarefas de interesse comum. O papel fundamental do multiplicador é o de atuar como demonstrador e como elo de ligação entre o técnico e seu grupo.

2. QUAL A DIFERENÇA ENTRE O LÍDER E O MULTIPLICADOR?

Nem todo líder é um multiplicador mas todo o multiplicador é um líder, mesmo que esta liderança seja específica ou circunstancial.

O multiplicador deve ser um produtor, espontaneamente escolhido pelo grupo, capacitado para desenvolver ações prioritárias determi-

nadas pelo grupo com o assessoramento intenso do extensionista.

Provavelmente a grande diferença entre a atuação dos dois líderes esteja na organização, sistematização e objetividade do trabalho do multiplicador e, particularmente, na participação ativa do grupo nas ações e atividades que serão desenvolvidas.

3. QUANDO DEVE SER ESCOLHIDO O MULTIPLICADOR?

Uma série de ações importantes devem anteceder a escolha do multiplicador, assim: o extensionista deve ter profundo conhecimento da realidade da área que vai ser trabalhada, observando aspectos do sistema social, econômico, técnico, político e cultural.

A fim de que a comunidade desperte para a validade do trabalho, é indispensável que haja perfeita interação de idéias entre o extensionista e o grupo, a respeito dos interesses e aspirações da comunidade.

Nas primeiras reuniões com o grupo, o extensionista tem um papel muito importante, principalmente quando se debate a identificação e priorização de problemas. A ação participativa exige do técnico uma postura completamente diferente da ação diretiva em que, via de regra, as decisões são tomadas pelo próprio técnico.

Uma vez identificados e priorizados os problemas e apontadas as possíveis soluções, deverá ser elaborado um pequeno plano de ação, que será um documento simples e útil, feito com a participação de todos, e que terá a forma mais conveniente para que possa ser usado e entendido por eles. É importante que esse plano contenha dados básicos que especifiquem o que será feito, como, quando e por quem.

Depois da elaboração do plano, o grupo deverá escolher livremente seus líderes, ou seja, aquele ou aqueles produtores que ficarão à frente das atividades mais importantes previstas no plano de ação. Nessa fase, o extensionista deverá ser um simples espectador. Qualquer tipo de interferência de sua parte, poderá prejudicar o sistema de escolha. A indicação do multiplicador não precisa, necessariamente, serem uma reunião especial.

RESUMO:

- Antes de iniciar suas atividades na comunidade o extensionista deve conhecer muito bem a realidade, através do estudo de situação e, deve ter identificado os grupos naturais existentes.

- O extensionista, junto com o grupo, deve estudar os seus problemas e aspirações, selecionar as ações e elaborar um plano de ação.

- O multiplicador só deve ser escolhido quando o grupo souber o que deseja, isto é, depois de elaborado o plano de ação.

- Para escolha do multiplicador, o grupo usará os recursos próprios que normalmente usa para indicação de seus representantes - a clamação, votação secreta, etc...

- O técnico não deve participar ou interferir na escolha do multiplicador.

- É importante que a pessoa ou as pessoas escolhidas, fiquem comprometidas com o grupo.

4. QUE É GRUPO NATURAL?

Uma comunidade rural é formada por várias famílias e pessoas que podem ser reunidas em grupos chamados naturais. Muito mais do que os simples laços de parentesco, vizinhança, amizade ou interesses pessoais, as pessoas podem estar ligadas pelas lideranças comuns. Se tivermos uma comunidade com 100 famílias, é provável que tenhamos quatro, oito ou dez grupos naturais cada um com seus líderes. Quando a comunidade é pequena e apresenta um grande número de grupos naturais, provavelmente não é uma comunidade bem estruturada. O grupo é o elemento mais importante no processo de trabalho com multiplicadores. Uma comunidade estará totalmente atendida quando todos os seus grupos naturais estiverem atendidos.

5. O QUE O MULTIPLICADOR DEVE FAZER?

- O multiplicador é uma pessoa ou uma propriedade?

- O multiplicador deve iniciar seu trabalho com uma unidade demonstrativa ou com uma prática isolada?

As atividades do multiplicador devem estar relacionadas com o plano de ação de seu grupo. Por ser uma peça importante na solução dos problemas considerados prioritários, logicamente, o multiplicador deve ter alguma coisa significativa para mostrar em sua propriedade. Deve existir uma correlação estreita entre o multiplicador como líder de um grupo e, sua propriedade como modelo a ser observado ou seguido. Isto não significa que a propriedade do multiplicador, obrigatoriamente, tenha que ser uma propriedade modelo. O ideal é que, gradativamente, a propriedade do multiplicador vá melhorando, e que, no futuro, se torne uma propriedade assistida como um todo, tanto na área econômica como na área de bem-estar social.

Na maioria dos casos, é bom melhorar aos poucos uma ou duas práticas, só passando para outras, quando as primeiras estiverem totalmente dominadas pelo grupo.

6. O MULTIPLICADOR DEVE APLICAR A PRÁTICA ANTES DE TRANSMITI-LA?

Isto depende muito da atividade. Em certas culturas ou criações é necessária ou indispensável a vivência prévia da prática. O multiplicador com a assessoria intensa do técnico, primeiro deve se estruturar para depois repassar as informações a seu grupo, isto não impede que elementos do grupo acompanhem as atividades iniciadas pelo multiplicador e até iniciem o uso das novas práticas.

7. O MULTIPLICADOR DEVE SER ESPECÍFICO OU POLIVALENTE?

No início é aconselhável que o multiplicador trabalhe apenas com uma cultura ou criação e uma ou duas práticas novas. Futuramente, de acordo com sua capacidade ou disponibilidade poderá passar para outras culturas ou práticas mais complexas.

A escolha das práticas deverá estar de acordo com as prioridades selecionadas pelo grupo, expressas no plano de ação. No início, o trabalho do multiplicador deve partir de uma prática, oportuna,

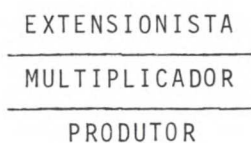
fácil e não dispendiosa. A seguir, se desejável ou necessário, o trabalho deve evoluir gradativamente de acordo com a assimilação do grupo. Com o passar do tempo, o produtor poderá atuar como multiplicador em todas as atividades desenvolvidas em sua propriedade. O mais comum, entretanto, é que o multiplicador seja um líder específico, isto é, se caracterize por sua eficiência numa determinada atividade.

8. O TRABALHO DO MULTIPLICADOR DEVE SER ESPONTÂNEO OU INDUZIDO?

Nem sempre os problemas sentidos pelos produtores e donas-de-casa são os primeiros em importância real. A realidade da água potável no meio rural, por exemplo, nem sempre é sentida pelas famílias que acreditam estar bebendo a melhor água do mundo, entretanto, na quase totalidade, a água consumida está contaminada por esterco ou fezes humanas. O ideal seria que a escolha das atividades do multiplicador fosse espontânea e representasse as necessidades sentidas e não sentidas. Como isto não é fácil, o grupo, quando da discussão e priorização de problemas, precisa ser motivado pelo técnico, para agir na solução de problemas básicos. Esta motivação será feita com muita habilidade quando da discussão e seleção dos problemas prioritários sendo que as decisões devem compor o plano de ação do multiplicador.

9. COMO TRABALHAR COM O MULTIPLICADOR?

A melhor imagem de como trabalhar com o multiplicador e seu grupo, pode ser representada através da ponte:



De acordo com esta idéia, o técnico deve ir aos produtores que compõem o grupo do multiplicador, através do multiplicador. O multiplicador, entretanto, não deve ser encarado como uma barreira inex-

pugnável que tenha que ser vencida pelo extensionista cada vez que tenha que se aproximar do grupo. Trata-se de uma cortesia do técnico feita ao multiplicador, de forma que ele se sinta prestigiado e estimulado. É salutar e aconselhável que a cada visita às comunidades, o extensionista mantenha contato com produtores que fazem parte do grupo do multiplicador.

10. O MULTIPLICADOR DEVE SER ASSISTIDO POR MAIS DE UM TÉCNICO?

O ideal é que o multiplicador seja atendido apenas por um técnico, isto para evitar distorções de informações. Quando houver necessidade de assistência de mais de um técnico, deve haver perfeito entrosamento entre eles.

11. COMO DEVE ATUAR O TÉCNICO NAS ÁREAS EM QUE ATUAM OS MULTIPLICADORES?

O técnico deve atuar em função das necessidades do grupo. Deve ter habilidade para fazer o multiplicador pôr em prática as atividades selecionadas, priorizadas e consubstanciadas no plano de ação. Sugere-se que as visitas do técnico às comunidades tenham um intervalo máximo de 15 dias. Durante as visitas às comunidades o técnico visitará primeiramente os multiplicadores inteirando-se de tudo que está sendo feito.

A seguir, o técnico poderá fazer reuniões com os vários multiplicadores; visitar produtores com problemas específicos; participar da reunião de grupos; fazer demonstrações; enfim, aproveitar ao máximo o tempo em que estiver na comunidade. Não esquecer que os multiplicadores ajudam, mas não eliminam a atuação do técnico na comunidade.

Quando possível, o extensionista deve trabalhar sob um calendário fixo que determine o dia certo de suas visitas à comunidade.

12. QUAL O NÚMERO DE MULTIPLICADORES POR TÉCNICO E DE PRODUTORES POR MULTIPLICADOR?

Quanto maior for a habilidade do extensionista para este tipo de trabalho, maior poderá ser o número de multiplicadores sob sua assistência, entretanto, há outros fatores que determinam o número de multiplicadores por técnico, por exemplo: as atividades a serem trabalhadas poderão determinar que haja um ou mais multiplicadores por grupo sendo cada um com funções específicas. Nunca esquecer que o multiplicador é definido pelo grupo e não o grupo definido pelo multiplicador. É impossível definir o número de pessoas de um grupo natural, entretanto, a experiência mostra que a média é de 15 pessoas por grupo.

13. O QUE FAZER QUANDO O MULTIPLICADOR NÃO CORRESPONDE À EXPECTATIVA?

Em primeiro lugar deve-se descobrir o porquê. Será que o multiplicador foi mal indicado? Será inaptidão para desenvolver as atividades previstas? Será que há falhas na orientação e coordenação do técnico? Caso tenha sido mal escolhido ou não tenha aptidão para desenvolver o trabalho, ou ainda, não esteja suficientemente motivado, nesta situação o técnico deve, discretamente, colocar o multiplicador diante da realidade, procurando obter mais eficiência e dedicação. Caso o multiplicador não tenha condições de melhorar e reconheça suas limitações, o técnico deve levar, então, o caso ao grupo e pedir um substituto. Se o grupo prestigiar o multiplicador e insistir na sua permanência, dando-lhe apoio moral, o técnico não deve esmorecer. Neste caso deve usar a técnica de água mole em pedra dura...

Quando a falha for do técnico, ou seja, quando o multiplicador não foi eficiente por falta de assistência ou orientação técnica, o caso se torna mais grave e, se não for corrigido imediatamente, poderá prejudicar profundamente o trabalho na comunidade.

14. COMO MOTIVAR O MULTIPLICADOR?

Para motivar o multiplicador deve-se evidenciar sua importância pelo fato de ter sido escolhido pelo grupo e ser, por isso, uma pessoa de confiança de todos. Deve-se ainda falar sobre sua responsabilidade e sobre o papel importante no desenvolvimento da comunidade. Convém sutilmente fazê-lo entender que, além de seu prestígio no grupo e na comunidade, como multiplicador, terá tratamento especial, como assistência intensa do técnico, treinamento, participação em reuniões e excursões, etc.

15. ONDE TRABALHAR COM MULTIPLICADORES?

Pode-se trabalhar com multiplicadores em áreas trabalhadas e não trabalhadas. Nas áreas não trabalhadas, considerando-se que a comunidade e os elementos dos grupos não conhecem em profundidade o trabalho de extensão, uma aproximação maior do técnico com o grupo e com os multiplicadores poderá contribuir para afirmação e conceito de seu trabalho. Se o multiplicador for escolhido em grupos já trabalhados, tudo se torna mais fácil, é apenas uma questão de sistematização do trabalho.

Nunca deve ser esquecido que o multiplicador tem um papel importante no repasse de mensagens, práticas e técnicas. Entretanto, é bom ficar bem claro que o extensionista é sempre o elemento chave do processo. O multiplicador, em momento nenhum, pode substituí-lo. Cada um no seu campo de ação.

16. DEVE-SE TRABALHAR COM ÁREAS POBRES OU ÁREAS RICAS, COM GRANDES OU PEQUENAS PROPRIEDADES?

Os primeiros resultados obtidos na Região de Santa Rosa-RS surgiram em áreas de pequenas propriedades, nos municípios de Três Passos e Tenente Portela. Isto criou a imagem de que o trabalho com multiplicadores só daria resultados em áreas de pequenas propriedades. Entretanto, ao se observar o que aconteceu com a introdução do

•terraço base larga nos municĩpios de Santo Augusto e Independência, verifica-se que a estrutura do trabalho foi a mesma, e que os primeiros granjeiros serviram de multiplicadores para os demais. Inclusive o agricultor, que criou o terraço base larga, se deslocou de sua granja em Três Passos, para participar de inúmeros treinamentos em toda a Região e recebeu em sua propriedade excursões de todo o Estado, evidenciando com isto o mesmo esquema de trabalho usado no modelo multiplicador, desta vez utilizado em grandes propriedades.

Mesmo que se considere que o trabalho de extensão tem como pūblico maior o pequeno produtor, e que o trabalho com multiplicadores foi idealizado com vistas ao atendimento daquele pūblico, pode-se afirmar que a estratēgia de trabalho, com multiplicadores, funciona em qualquer circunstāncia sejam os produtores pequenos, mēdios e grandes. As lideranças existem em qualquer circunstāncia.

17. QUANDO NAS COMUNIDADES EXISTEM DIFERENÇAS ÉTICAS, RELIGIOSAS OU DE PARTIDO POLÍTICO?

Existem comunidades com todos estes problemas e muito mais. É necessário que haja muita habilidade do tēcnico para contornā-los. Deve ser entendido que os problemas dos suinocultores de uma mesma comunidade, sejam eles italianos ou brasileiros, protestantes ou católicos, brancos e negros, são sempre os mesmos problemas. Hā necesidade de separar estas divergēncias e uni-los na busca da soluçāo de problemas comuns.

18. COMO TREINAR TÉCNICOS?

O treinamento do Extensionista é o ponto de partida para o trabalho com multiplicadores. Na maioria dos casos falta, no tēcnico, motivação e conhecimento profundo do mētodo, fatores que levam o exensionista a não acreditar nesse tipo de trabalho. Outro elemento importante que faz o tēcnico correr do trabalho com multiplicadores é sua falta de preparo para o trabalho com grupos e lideranças.

Alēm dos treinamentos teōricos sobre as tēcnicas para atuar com

grupos e líderes e sobre a estratégia operacional do Programa de Multiplicadores, é aconselhável que os extensionistas visitem trabalhos de seus colegas próximos à sua área de ação.

Encontros periódicos, para debater aspectos de desenvolvimento do trabalho com multiplicadores, facilitam o intercâmbio e contribuem para correção de erros e divulgação de experiências positivas. Servem também para unificar a linguagem a ser adotada e as práticas trabalhadas numa mesma época.

19. COMO TREINAR MULTIPLICADORES?

O treinamento do multiplicador deve ser o mais prático possível. O multiplicador precisa realizar trabalhos práticos na sua propriedade, acreditar no que faz e saber transmitir para seus companheiros a execução das tarefas. A obtenção de resultados positivos na sua propriedade facilitarão a adoção por seus seguidores. O multiplicador deve ser treinado gradativamente, de acordo com o andamento das tarefas.

Os treinamentos precisam ser direcionados para dar ao multiplicador condições de transmitir as práticas ao seu grupo. Estes treinamentos devem, sempre que possível, ser ministrados pelos técnicos que trabalham com estes multiplicadores. Deve haver a preocupação de dispor de material para que os multiplicadores possam fazer suas demonstrações.

Uma boa modalidade de treinamento está sendo adotada nos municípios de Tenente Portela e Três Passos, onde os multiplicadores são agrupados em número de 10 a 12, nos moldes das CITES da campanha. A cada mês, reúnem-se na propriedade de um deles. A propriedade toda é visitada e cada multiplicador anota o que deve ser melhorado. O multiplicador, dono da propriedade, se compromete a seguir as recomendações dos demais. Um ano após, haverá outra reunião para o grupo verificar o que foi feito. A grande vantagem deste sistema é que todos aprendem muito, inclusive o técnico. O dono da propriedade é responsável pelo almoço (carreteiro ou galinhada). É uma ótima oportunidade para intercâmbio e treinamento prático para todos os multiplicadores envolvidos.

